



PASTORAL CARCERÁRIA NACIONAL - CNBB

Praça Clovis Beviláqua, 351, conj.501

Centro - 01018-001 - São Paulo - SP

Tel/fax 55 (11) 3101-6760, 3101-9419 -

www.carceraria.org.br - prc.n@uol.com.br

Crítérios Teológicos da Pastoral Carcerária

Pe. Valdir João Silveira

Coordenador Nacional da Pastoral Carcerária - CNBB

Como falar de Deus ou anunciá-lo como Pai àqueles que enfrentam o dia-à-dia das prisões?

O que significa chamar os(as) presos(as) de filhos(as) de Deus?

Como falar de Deus para pessoas que vivenciam tamanho sofrimento?

Estes são verdadeiros desafios para todos aqueles que buscam ser discípulos e missionários de Jesus Cristo no mundo do cárcere. São perguntas incômodas como estas que nos fazem lembrar que Deus, por força de sua gratuidade, primeiro, escolheu revelar-se aos pobres (Mt 11,25-26), pois os desprezados deste mundo são os preferidos pelo amor de Deus na revelação.

Para bem respondermos a este questionamento é necessário, em um primeiro momento, que nos situemos no terreno da mística e da prática, condição necessária para que possa haver um discurso autêntico e respeitoso sobre Deus. A pertinência do discurso exige a eloquência silenciosa do compromisso. O momento inicial é o silêncio; a etapa seguinte é o falar. Calar é tão importante quanto falar. A mediação do silêncio, da contemplação e da prática é necessária para se pensar em Deus, para se fazer teologia.

A pergunta se desdobra em mil questionamentos quando se esta comprometido com os pobres:

- Como anunciar o Deus da vida à pessoas que são jogadas no cárcere?
- Que tipo de linguagem utilizar para dizer aos insignificantes da história que são os preferidos de Deus?

Podemos, na busca destas respostas, pedir ajuda ao livro de Jó?

Enquanto os amigos de Jó se dedicaram a grandes discursos para consolá-lo; ele, ao contrario, preferiu reclamar de sua situação deplorável, chegando até mesmo a preferir a própria morte ao sofrimento. Deus reconhece, ao fim da história, que foi Jó quem lhe fez justiça, pois ele falou corretamente de Deus a partir do sofrimento do inocente. Deste modo, mais do que falar sobre Deus ele fala com Deus. "O discurso sobre Deus supõe e, ao mesmo tempo, conduz a um encontro vital com Ele dentro das condições históricas determinadas. Implica descobrir os traços de Cristo nos rostos, às vezes desfigurados, dos pobres, dos encarcerados deste mundo. Essa

descoberta não se fará sem gestos concretos de solidariedade como o irmãos que sofre miséria, abandono e desprezo.”

Enquanto os amigos entendem que a tarefa de Jô é conhecer essa teologia, aceita-la e aplicá-la à sua situação, ele sabe que seus amigos falam sem conhecer a situação de dor em que se encontra e fala a partir de sua própria realidade de sofrimento e miséria. Estava assim falando com Deus, contemplando-o, até mesmo quando assume uma postura rebelde e crítica. É nesse momento que Jó faz a experiência de um Deus solidário para com os pobres. Seus gritos se transformaram em lamentos de dor e de esperança, pois sabe que o seu Defensor vive. Jó fala a partir da fé em um Deus libertador. O livro vai chegando ao seu final com a belíssima descrição do encontro de duas liberdades, a humana e a de Deus e, a repreensão de Deus aos amigos, sábios, de Jó que não anunciavam, não faziam a pastoral corretamente.

A teologia feita a partir do sofrimento tem uma paradoxal linguagem de alegria. Não seria exatamente a atitude de Jesus ao rezar o Salmo 21 (22) na cruz? Ao ler o salmo, todos percebemos que ele começa com a dor da solidão e termina com a alegria antecipada da libertação. Durante toda a canção o inocente fala com Deus e não sobre Deus. Os mesmo gritos deve ecoar entre os povos crucificados dos nossos presídios e pelas pessoas destruídas pela dor da violência.

Essa comunhão na dor implica vigilância e solidariedade. O empenho por aliviar o sofrimento humano e sobretudo por eliminar suas causas na medida do possível é uma obrigação do discípulo e seguidor de Jesus. Isto supõe ter uma autêntica compaixão humana, assim com uma certa inteligência da história humana e seus condicionamentos; requer também a firme e perseverante vontade de estar presente ali onde a injustiça maltrata um inocente, doa a quem doer.

Enviando seu Filho, o Pai 'apostou' na possibilidade de uma fé e uma conduta marcada pela gratuidade e a exigência de estabelecer a justiça. Seguindo os passos de Jesus os 'perdedores' da história, como Jó, estão fazendo com que o Senhor ganhe a sua aposta.

Os trabalhos realizados pela Pastoral Carcerária (durante estas últimas décadas, coordenados por Frei Agostinho, Pe. Francisco Reardon, OMI, Pe. Gunther, etc.), foi acompanhado de uma reflexão humanista (sociológica, psicológica, jurídica e política) e, também, de uma reflexão teológica (bíblica, moral, espiritual e pastoral). Esta reflexão, que se foi realizando de uma maneira contínua, permitiu formular alguns critérios antropológicos e evangélicos.

Os critérios antropológicos são os que emanam de uma reflexão humanista sobre a situação penitenciária global e permitem descobrir que na ação social penitenciária há uma tríplice dimensão: a prevenção, o tratamento e a reinserção. Efetivamente, se não nos limitarmos a descrever o fenômeno

social da delinqüência mas também nos perguntarmos pelas suas causas, descobriremos que a erradicação do problema é, fundamentalmente, uma questão de prevenção educativa onde as falhas pesam nas instituições: do Estado, da família e das religiões como na sociedade e comunidade que o geraram. Quando não foi possível prevenir, o problema torna-se uma questão de tratamento educativo dos internados nos centros penitenciários e não de uma simples punição. A chave do êxito deste tratamento pedagógico iniciado nos centros penitenciários e a posterior reinserção social correta.

Os critérios evangélicos são os que fazem referencia ao modelo (a que) eu o próprio Jesus Cristo apresenta na sua maneira de atuar e de se situar diante do problema da marginalização (de uma forma) em geral, e dos presos, em particular. Estes critérios de Jesus Cristo são os que colocam claramente a maneira como a Igreja deve atualizar, na sua ação, este modelo e perfil de Jesus Cristo. Vale a pena fazer duas breves alusões sobre estes dois temas: o cristológico e o eclesial.

1º - Jesus Cristo e a marginalização.

Jesus de Nazaré foi marginalizado. Segundo os Evangelhos, nasceu pobre e morreu executado porque foi um condenado, segundo a justiça do seu tempo (Lc. 23,44-47). Na sua vida publica, Ele mesmo se apresentou como libertados dos pobres, dos oprimidos, dos excluídos e dos presos (Lc 4,16-21). Esta atitude foi a que manteve toda a sua vida e foi a que colocou na proposta central de sua mensagem: a mensagem de libertação da humanidade, no seu caminho para a busca do sentido. Este modelo evangélico de libertação e salvação as "bem-aventuras" (Mt 5,1-12), operativas na vida diária mediante a pratica das "obras de misericórdia"(Mt 25,31-46).

Os quatro evangelhos ilustram este perfil de Jesus Cristo ao longo de todas as suas paginas. Jesus de Nazaré manteve esta atitude durante toda a sua vida, ate a morte na cruz quando, de maneira emblemática, liberta o bom ladrão e perdoa aos que o matam. A cruz de Jesus de Nazaré é, portanto, um ícone transparente e luminoso que sintetiza toda a existência de Jesus Cristo e a sua mensagem de amor e compaixão para com a humanidade de todos os tempos.

2º - A Igreja , comunidade da misericórdia.

Este perfil vivido por Jesus de Nazaré, a partir da sua ressurreição e da doação do Espírito Santo, é o modelo de referencia para a Igreja (desde o seu primórdio) de todos os tempos. A palavra-chave que serve para compreender este estilo de vida é a palavra "misericórdia". A palavra "misericórdia" exprime a atitude pratica do amor quando é capaz de viver a compaixão e o compromisso pela libertação. Às vezes, o termos "misericórdia" é entendido por muitos como uma atitude passiva, paternalista e, inclusive, prepotente. No entanto, é uma atitude radicalmente ativa, fraterna e humilde. Nasce do abrir a porta do "coração" (o mistério profundo do próprio ser) às misérias ou às carências do outro. Uma vez que os problemas do outro tenham penetrado no

próprio ser, a pessoa compromete-se, a partir de si mesma, na libertação dos outros. Pode-se ilustrar esta afirmação sobre o sentido da misericórdia com três exemplos retirados dos Evangelhos e propostos à comunidade cristã nascente:

Em primeiro lugar, tem-se a proposta do Evangelho em Lucas, capítulo 10 (Lc 10), onde se menciona a iniciação da missão evangelizadora (v.1-24), seguida da Parábola do "Bom Samaritano" e a síntese do agir dos seus discípulos (v.25-37). Esta parábola ilustra de maneira patente e muito concreta o conceito da misericórdia evangélica, especial mente nos últimos versículos do texto, em que se descreve como a misericórdia é libertadora de si e dos outros ao mesmo tempo(v. 38-42).

Também temos a parábola do Juízo final do Evangelho de Mateus (Mt 25), em que há menção a escada escatológica de valores, ou seja, a definitiva e final da existência no mundo, que é, segundo o Evangelho, a consciência desperta e a vigilância para concretizar a busca de Deus mediante a pratica das "obras de misericórdia" perante os problemas reais concretos dos pobres, dos marginalizados, dos excluídos e dos presos. Para sublinhar a contundência da tese da parábola, o texto expõe esta tese sobre a misericórdia como ativa (v.31-40). Além disso, este texto evangélico ilustra claramente o que é que vai permanecer para sempre do que realizamos durante toda a vida.

Por fim, menciona-se o lava pés do Evangelho de João (Jo 13). Neste capítulo, inicia-se a narração sobre a despedida de Jesus dos seus discípulos, antes da sua crucifixão. É uma narração que continua nos capítulos posteriores. Nele, Jesus lava os pés dos discípulos de maneira pedagógica (v.2-11) explicando-lhes o significado evangélico do gesto realizado (v12-17). A tarefa de lavar os pés era uma ação própria dos escravos. Desta maneira, Jesus de Nazaré situa, no coração da pratica cristã, o serviço e o amor. Esta atitude serviçal não é, de maneira nenhuma, subserviente, mas uma atitude de amor e de misericórdia.

São três exemplos concretos e claros, entre muitos outros que há nos Evangelhos, que ilustram o sentido profundo da atitude da misericórdia de Jesus Cristo, como modelo, perfil central, da existência cristã no mundo.

Perguntas para serem respondidas em grupo

- 1) Quando a nossa evangelização, a nossa pastoral, pode cometer os mesmos erros que os amigos de Jó cometeram?
- 2) Como levar a pessoa encarcerada a fazer a experiência de um Deus solidário para com os sofredores deste mundo?
- 3) A exemplo de Jesus Cristo, como o agente de pastoral carcerária pode se tornar um modelo evangélico de libertação e salvação?